

TEMAS ECONÔMICOS Nº. 2

INDICADORES ECONÔMICOS **FIEMA**

FIEMA

Federação das Indústrias do Estado do Maranhão
PELO FUTURO DA INDÚSTRIA

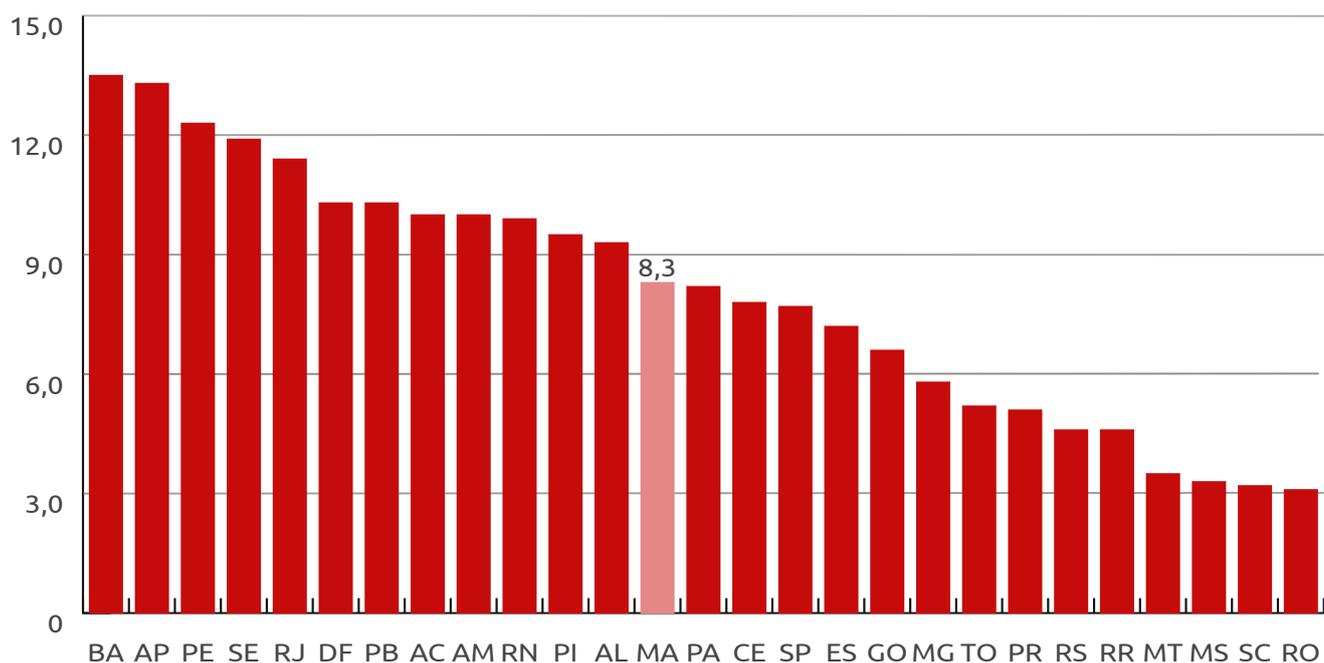
ANÁLISE DA OCUPAÇÃO NO PÓS-PANDEMIA

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD-C) registra o estado do Maranhão com uma população total de 7,169 milhões de habitantes no fechamento no ano de 2022. Desse contingente, 5,533 milhões são de pessoas de 14 ou mais anos de idade, o que equivale a 77,2%, mas somente 2,825 milhões se acham na Força de Trabalho. Isto significa dizer que 2,708 milhões de pessoas de 14 ou mais anos de idade se encontram fora da Força de Trabalho.

Das 2,825 milhões de pessoas de 14 ou mais anos de idade, que compõem a Força de Trabalho no Maranhão, 91,6% estão ocupadas no 4º trimestre/2022, representando um acréscimo de 11,1% em relação ao total do 4º trimestre /2019.

Em consequência, a Taxa de Desocupação no estado, para esse 4º trimestre/2022, foi calculada em 8,35%, ou seja, a 15ª menor entre as Unidades da Federação, conforme se vê no Gráfico 1.

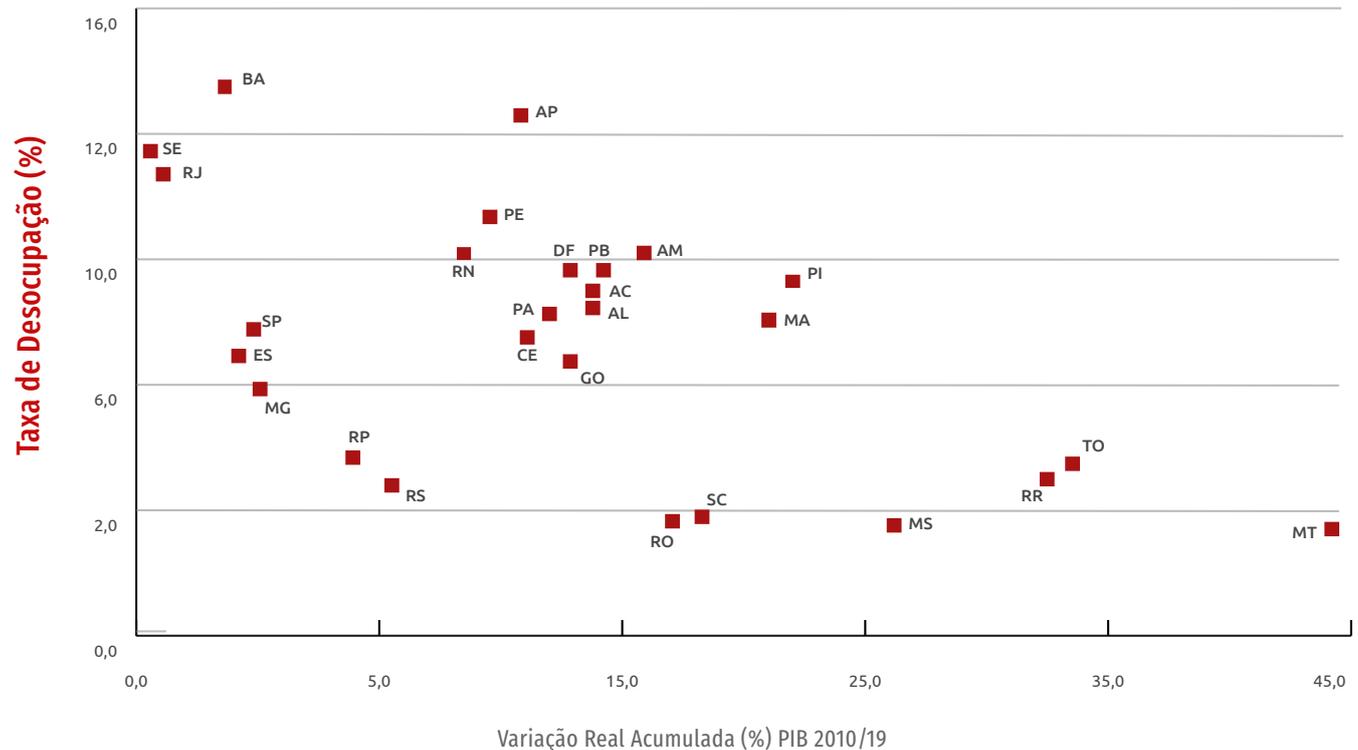
Gráfico 1 - Taxa de Desocupação da População de 14 anos ou mais de idade, por unidade da Federação, 4º trimestre/2022



As cinco unidades com maiores taxas de desocupação são Bahia, Amapá, Pernambuco, Sergipe e Rio de Janeiro, enquanto as menores foram registradas em Rondônia, Santa Catarina, Mato Grosso do Sul e Mato Grosso, cujos valores se aproximam do nível de pleno emprego.

Isto pressupõe uma relação inversa entre a Taxa de Desocupação e o índice de variação real acumulada do Produto Interno Bruto (PIB) desses estados, conforme se demonstra no Gráfico 2 referente às 27 unidades da federação.

Gráfico 2 - Relação entre a Taxa de Desocupação da População de 14 ou mais anos de idade e a Variação Real Acumulada (%) do PIB, 1010/2019



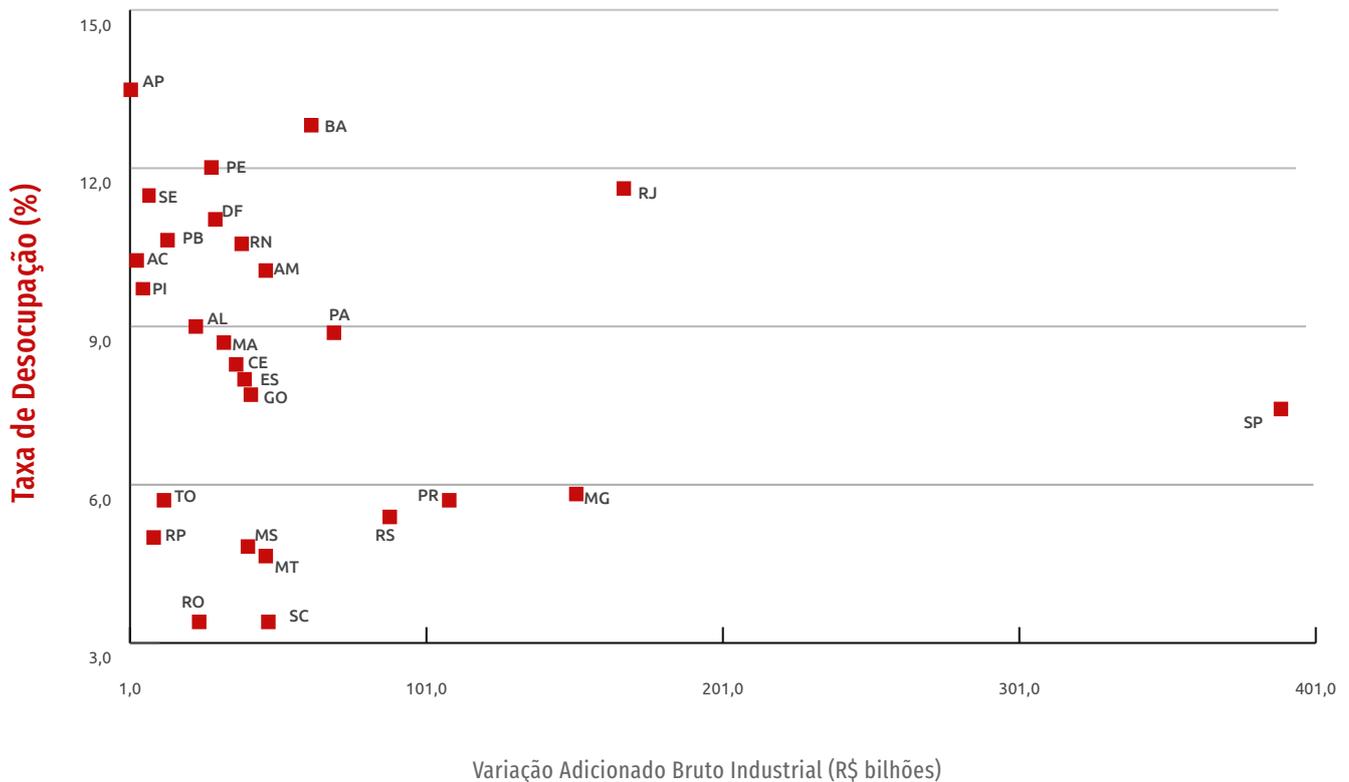
Mato Grosso, Roraima, Mato Grosso do Sul e Santa Catarina, que possuem as menores taxas de desocupação possuem índices de variação real acumulada no PIB, período 2010/2019, de 41,9%, 30,2%, 24,5% e 17,2% respectivamente, ou seja, alta desempenho produtivo associado a alto índice de ocupação e baixa desocupação.

No outro extremo, estados com elevadas taxas de desocupação associadas a baixa acumulação real no PIB. É o caso dos estados da Bahia, Sergipe e Rio de Janeiro, por exemplo, que registram taxa de desocupação superior a 10% e índice de variação acumulada no PIB menores do 3%. A maioria dos estados, no entanto, apresentam variação acumulada no PIB entre 10% e 20%, no período 2010/2019, com taxas de desocupação variando entre 6,0% e 12,0%, o que, provavelmente, pode estar associado a atividades produtivas mais intensivas em capital no agronegócio ou outro segmento.

Ao se avaliar a relação entre a desocupação e o valor adicionado pelo setor industrial, é possível observar grandes diferenciais entre os estados. Entre as 27 unidades, tem-se que somente oito respondem pela geração de um Valor Adicionado Bruto Industrial superior a R\$ 51,0 bilhões (IBGE, 2019), que são: São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Pará e Bahia. É oportuno destacar, nesse particular, que mesmo entre estes há um distanciamento muito expressivo: o VAB industrial do estado de São Paulo (R\$ 401,0 bilhões) é quase duas vezes e meia o valor gerado no Rio de Janeiro e em Minas Gerais.

O que se verifica é que 70,3% dos estados brasileiros têm uma estrutura industrial limitada, apresentando um VAB industrial inferior a R\$ 51,0 bilhões anuais e, destes, somente oito (Rondônia, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Roraima, Tocantins, Goiás, Espírito Santo e Ceará) possuem uma Taxa de Desocupação inferior a 6,0%. Para todos os demais, a Taxa de Desocupação varia até 14,0%, conforme se demonstra no Gráfico 3.

Gráfico 3 - Relação entre a Taxa de Desocupação (%) no 4º trimestre/22 e o Valor Adicionado Bruto Industrial por Unidade da Federação (2019).



Particularizando para o caso do estado do Maranhão, apresenta-se no Gráfico 4 a evolução da Taxa de Desocupação das pessoas de 14 ou mais anos de idade, ao longo do período de 1º trimestre/2012 ao 4º trimestre de 2022.

Esse intervalo pode ser dividido em três sub-períodos, a saber:

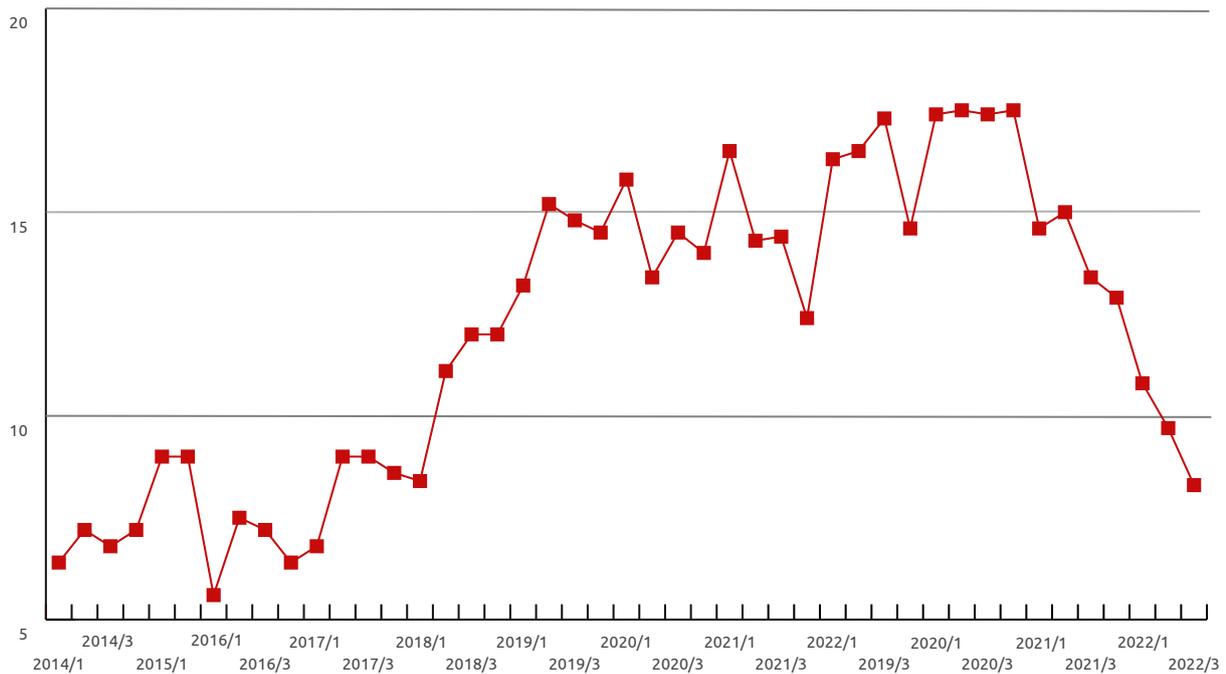
- 1º trimestre/2012 a 4º trimestre/2014
- 1º trimestre/2015 a 2º trimestre/2021
- 2º trimestre/2021 a 4º trimestre/2022

No 1º sub-período, que chega a registrar uma taxa de desocupação de 9,4%, há uma tendência geral decrescente e fechando com 7,2%.

O 2º sub-período marca uma mudança de administração no governo do estado e, ainda assim, a taxa de desocupação das pessoas de 14 ou mais anos de idade, registra uma tendência de crescimento, com pequenas oscilações de queda, e culminando com 17,5%, o nível mais alto desde 2012. Em que pese o desastre provocado pela pandemia no novo coronavírus, as taxas de desocupação do estado não se mostram tão elevadas se comparadas com o período anterior à pandemia, visto que, no segundo trimestre de 2019, já se registrara 16,5% de desocupação.

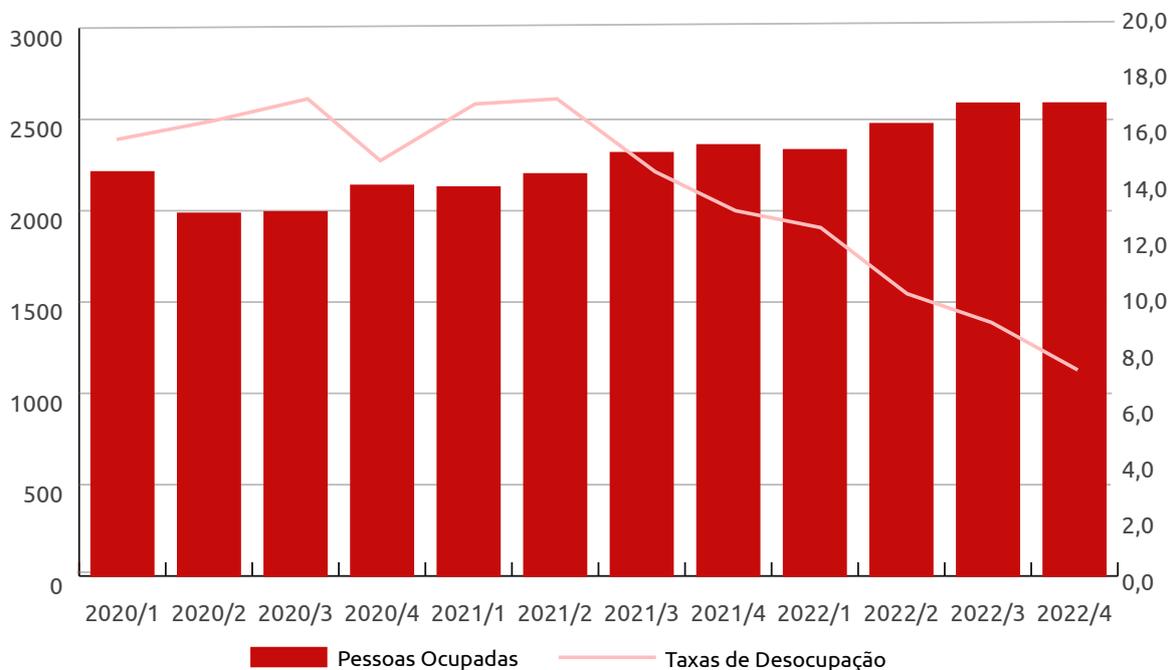
Observa-se, no 3º sub-período, o início de uma tendência geral de queda, com a taxa saltando de 17,5% (2º trim/2021) para 8,3% (4º trim/2022), conforme se verifica no Gráfico 4.

Gráfico 4 - Evolução da Taxa de Desocupação das pessoas de 14 ou mais anos de idade, por trimestre, no Maranhão, 2014/2022



Se a Taxa de Desocupação se mostrou decrescente é sinal de que, por outro lado, a ocupação aumentou. Resta saber em que segmentos de atividades isto aconteceu. No Gráfico 5 a evolução de ambos os indicadores.: a variação positiva no nível da ocupação e a decrescente na desocupação.

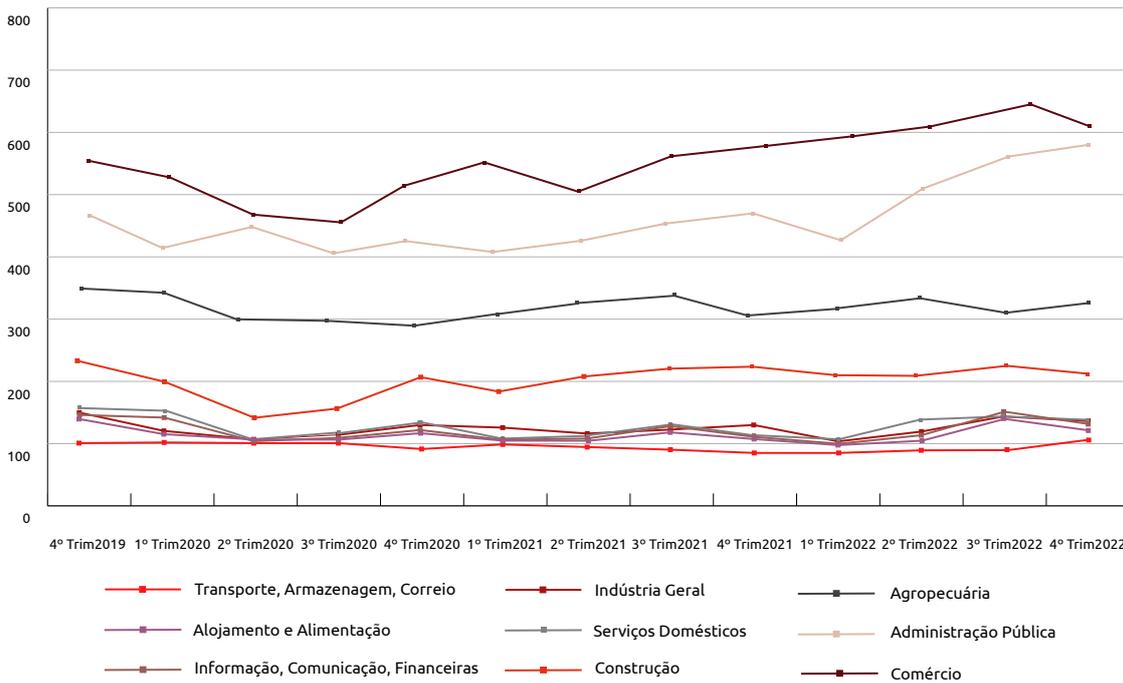
Gráfico 5 - Total de Pessoas de 14 ou mais anos de idade, ocupadas no Maranhão, por trimestre, e Taxas de Desocupação, 2019/2022



Como se distribuiu o crescimento da ocupação entre os setores de atividade econômica do estado? Fundamentalmente, nos segmentos do Comércio, da Administração pública, defesa, seguridade social, educação, saúde humana e serviços sociais, da Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura, e da Construção, que, juntos, responderam por 68,2% de todas as ocupações no 4º trimestre de 2022. Em 2019, esse percentual era de 66.6%.

Na realidade, as variações mais significativas, em termos de ocupação das pessoas de 14 ou mais anos de idade, se deram nos segmentos do Comércio, reparação de veículos automotores e motocicletas e Administração pública, defesa, seguridade social, educação, saúde humana e serviços sociais. Nos demais, a variação é muito pouco expressiva.

Gráfico 6 - Pessoas de 14 ou mais anos de idade ocupadas no Maranhão, por trimestre e segundo os setores de atividades, 2019/2022

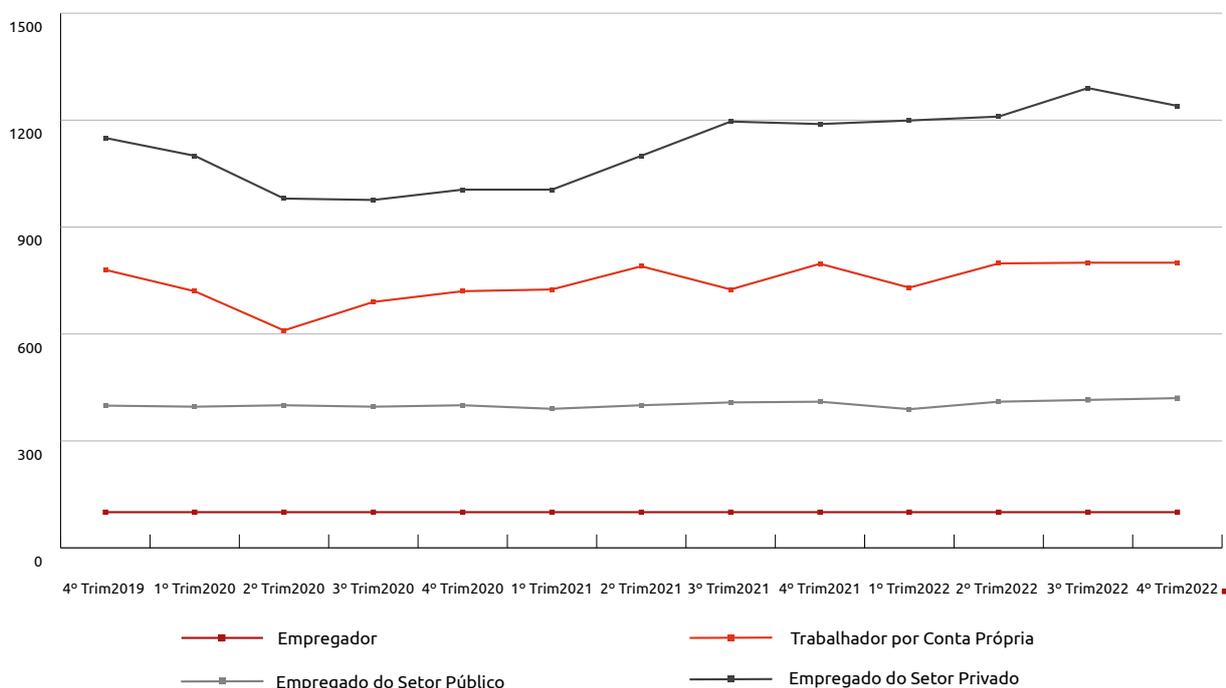


Comparando-se os setores privado e público, pode-se ver o distanciamento entre os volumes de ocupação, tendo em vista que o segmento as atividades privadas ocupam, no 4º Trim/2022, 47,5% das pessoas de 14 ou mais anos de idade que se encontravam ocupadas, contra 18,3% do setor público. As ocupações no setor privado têm uma tendência crescente, mas ainda não recuperou a posição que detinha no 4º Trim2019 (49,1%).

Chama a atenção, aqui, a queda nas ocupações nesse segmento registradas no período da pandemia do novo coronavírus, quando foram desempregadas cerca de 214 mil pessoas, em todo o estado.

Fica, por outro lado, evidente no Gráfico 7, que a pandemia não afetou as ocupações no setor público e a recomendação do “fique em casa” manteve o emprego e a remuneração desses trabalhadores.

Gráfico 7 - Pessoas de 14 ou mais anos de idade ocupadas em atividades do setor privado e do setor público no Maranhão, 2019/2022



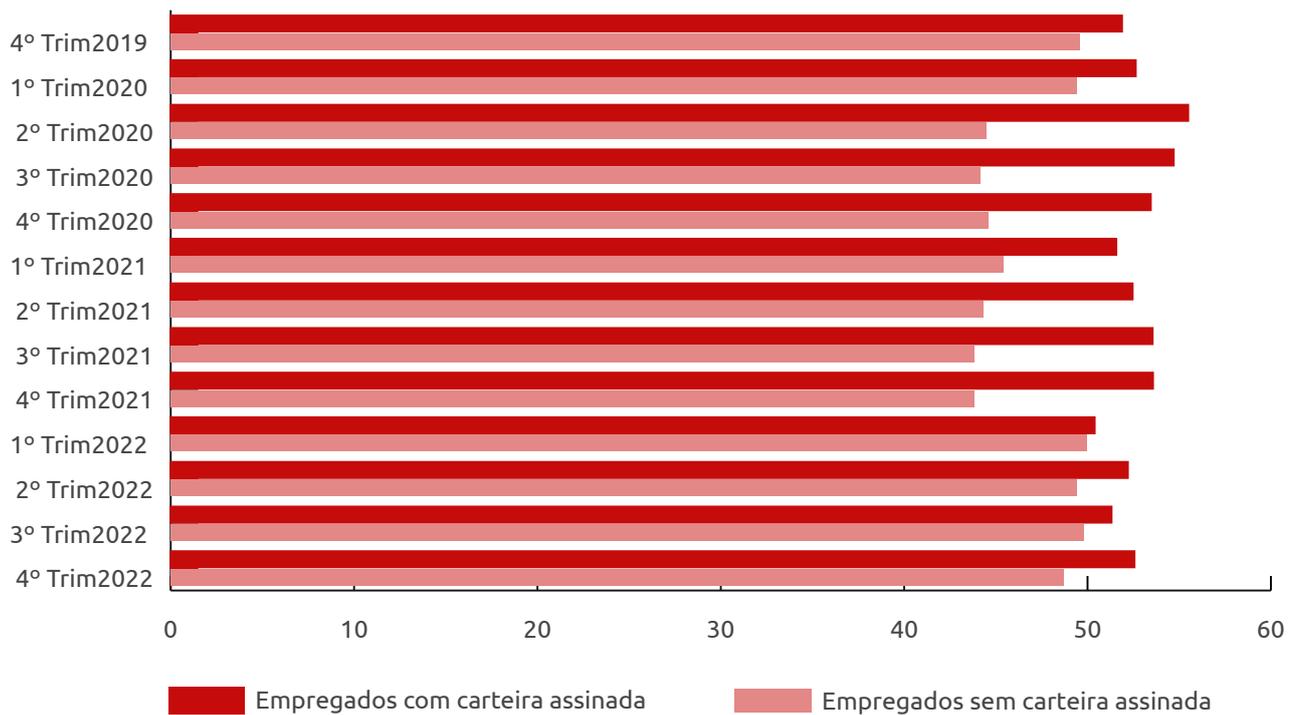
A curva dos Trabalhadores por conta própria seguiu a mesma trajetória da curva dos empregados do setor privado, inclusive com a queda de 84 mil ocupações, nos períodos iniciais da pandemia. Também ainda não alcançou a posição de 4º Trim/2019 (32,1%).

Quanto aos Empregadores, igualmente afetados pela pandemia, o número cresceu 34,3% no intervalo 4º Trim/2019 a 4º Trim/2022. O segundo maior índice de crescimento de ocupações, nesse período, foi registrado no setor público, especialmente a partir do 3º Trim/2022, ao passo que no setor privado o acréscimo foi de apenas 7,5% e entre os trabalhadores por conta própria de 6,3%.

E qual a formalidade dessas ocupações? De acordo com os dados da PNAD Contínua do IBGE, Gráfico 8, no 4º Trim/2022, haviam 646 mil pessoas de 14 ou mais anos de idade ocupadas com carteira de trabalho assinada no setor privado, ou seja, 52,6%, número não muito distante daquelas que não possuíam carteira assinada (47,4%).

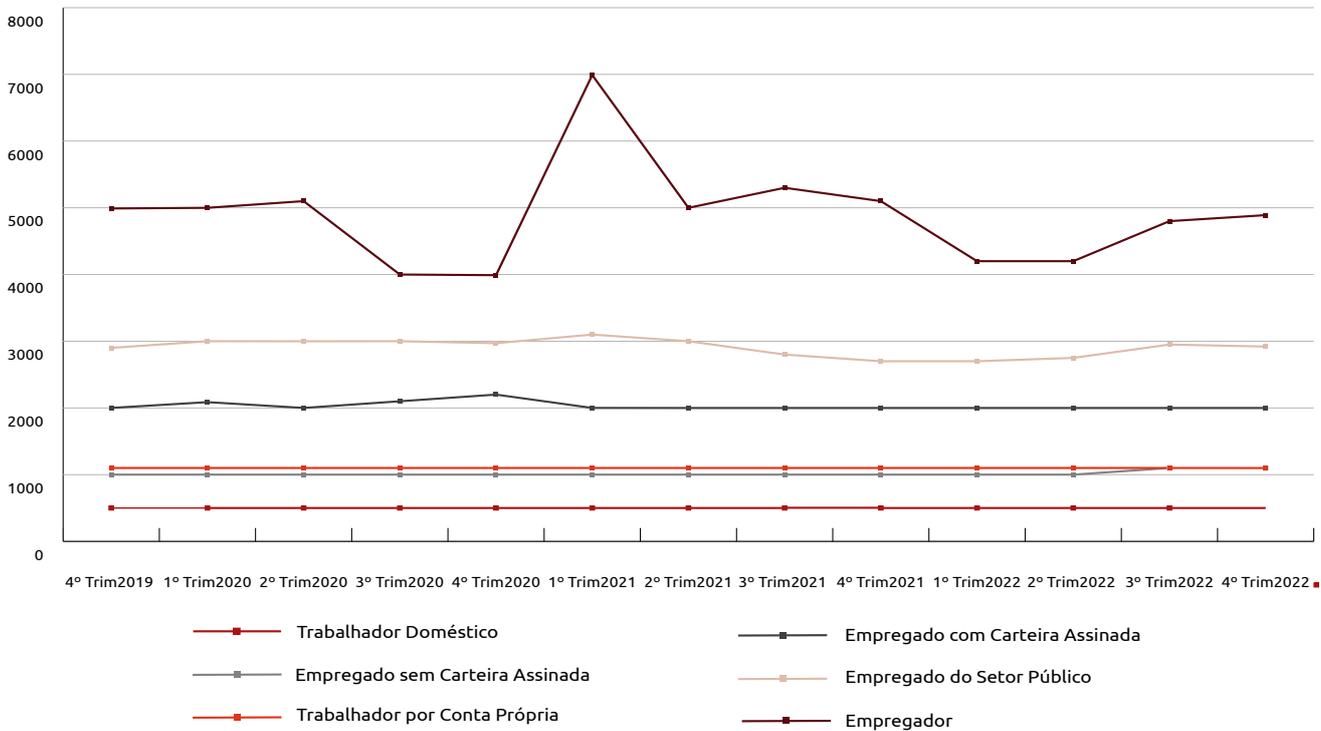
É importante observar que esse contingente de pessoas com carteira assinada não sofreu impacto da pandemia e até cresceu, o que não ocorreu com os trabalhadores sem carteira assinada que caíram 3,6% entre 4º Trim/2019 e 2º Trim/2020 (variação de – 126 mil trabalhadores).

Gráfico 8 - Participação (%) das pessoas de 14 ou mais anos de idade, empregadas com carteira assinada e empregadas sem carteira assinada, por trimestre, no Maranhão, 2019/2022



Em termos de rendimento médio real de todos os trabalhos, os níveis mais altos foram registrados entre os empregadores, devendo-se observar que na saída do pico da pandemia, quando as demandas, de um modo geral, aumentaram os rendimentos dessa categoria de ocupação alcançaram R\$ 6.597,00, 37,0% maior do que o valor de 4º Trim/2019 (antes da pandemia). Embora crescente nos últimos cinco trimestres, o valor recebido no 4º Trim2022 ainda é menor do que o do mesmo período de antes da pandemia (ver Gráfico 9).

Gráfico 9 - Rendimento médio real de todos os trabalhos habitualmente recebido por mês, pelas pessoas de 14 ou mais anos de idade, 2019/2022



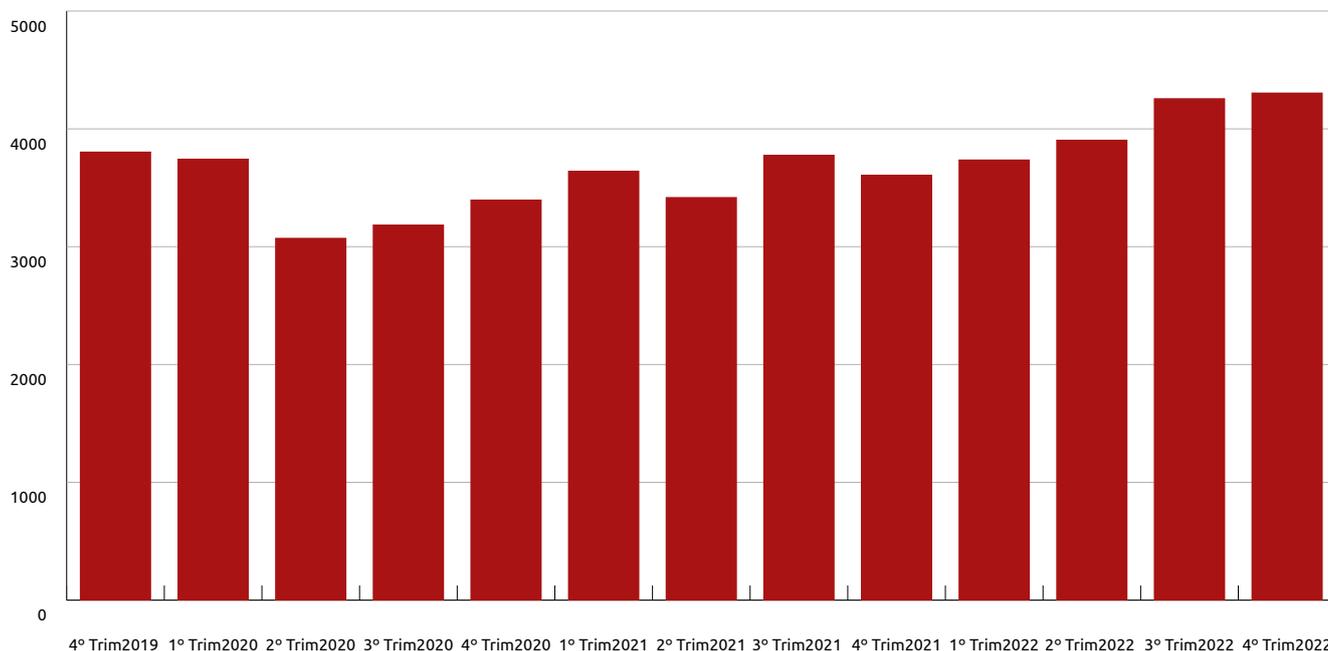
A rigor, o segundo nível mais elevado de rendimento médio real recebido se vê nas ocupações do setor público (R\$ 2.621,00, no 4º Trim/2022) e, ainda assim, inferior aos valores recebidos durante a pandemia, o que não é normal.

O terceiro nível mais alto de rendimento médio real recebido de todos os trabalhos se encontra entre os trabalhadores do setor privado com carteira assinada, que chega a ser até quase 90,0% maior do que aqueles sem carteira assinada. No 4º Trim/2022 essa diferença é de 75,0%.

Os trabalhos domésticos estão no nível mais baixo de rendimento recebido (R\$ 640,00 no 4º Trim/2022) e se mantêm com pequenas variações ao longo do período analisado.

Ao se calcular a massa de rendimento real de todos os trabalhos, efetivamente recebido por mês pelas pessoas de 14 ou mais anos de idade, constata-se, novamente, o impacto da pandemia no mercado de trabalho maranhense.

Gráfico 10 - Massa de Rendimento Real de todos os trabalhos, efetivamente recebidos por mês, pelas pessoas de 14 ou mais anos de idade, no Maranhão, 2019/2022



Isto é visível principalmente nos segundo e terceiro trimestres de 2020, quando a massa de rendimento real cai em R\$ 732 milhões, perda essa que somente veio a ser recuperada no segundo trimestre de 2022 (R\$ 3.904 bilhões), mantendo-se em crescimento até o 4º Trim/2022. Nesse último trimestre, a massa de rendimento real representa 13,2% a mais do que era no 3º Trim/2019, antes da pandemia.



TEMAS ECONÔMICOS | Publicação da Federação das Indústrias do Estado do Maranhão (FIEMA) em parceria com a Confederação Nacional da Indústria (CNI) | Superintendente da FIEMA: César Augusto Miranda | Coordenadoria de Ações Estratégicas (Coaes): José Henrique Braga Polary e Kethlen Diniz | Diagramação e revisão: Coordenadoria de Comunicação e Eventos (Cocev).
(98) 3212-1870 | jhpolarity@fiema.org.br | pesquisa@fiema.org.br

Autorizada a reprodução desde que citada a fonte.

